

A DISCUSSÃO DIVISIONISTA NAS PÁGINAS DA REVISTA *BRASIL-OESTE**

SALGUEIRO, Eduardo de Melo **

Busca-se neste artigo fazer uma análise sobre a abordagem feita pela *Revista Brasil-Oeste* em relação ao tema que ficou conhecido como *divisionismo* e que se refere aos movimentos separatistas que surgiram especialmente da região sul do então antigo Estado de Mato Grosso e que reivindicavam sua divisão¹.

Porém, antes de pensarmos em *divisionismo* de Mato Grosso, faz-se necessário nos remetermos a outro problema essencial na construção da história desta região: a questão da *identidade*, que ficou marcada durante muito tempo pelos *estigmas* que parecem ter ‘perseguido’ os mato-grossenses. Alguns estudos já analisaram esta questão², contudo, convém fazermos uma breve incursão acerca do tema para nos situarmos perante as condições que proporcionaram a elevação de certos movimentos divisionistas da região.

Lylia Galetti (2000) levanta a tese de que o povo mato-grossense teve que conviver, através de sua história, com imagens negativas, relacionadas especialmente ao ‘estigma da barbárie’, uma vez que estavam longe daquilo que seria o ideal de *progresso* e *civilização*, associados ao litoral do Brasil, nos remetendo àquilo que Bourdieu (1989) entende como ‘espaço estigmatizado’, ou seja, um lugar marcado “pela distância econômica e social (e não geográfica) em relação ao *centro*, quer dizer, pela privação do capital (material e simbólico) que a capital concentra” (p. 126, *grifos nossos*), e esta é a razão pela qual um grupo reclama sua existência. Assim, a tarefa empreendida pelos mato-grossenses residia no desejo de se livrar de adjetivos indecorosos, tais como, ‘gente sanguinária, incivilizada, vingativa, preguiçosa e ignorante’(GALETTI, 2000, p.58).

Nesse sentido, nas décadas iniciais do século XX, diversos eventos se inclinaram a modificar este processo. Um deles vale a pena ser mencionado, trata-se das comemorações

* Uma primeira versão deste artigo foi originalmente apresentada para cumprimento dos créditos da disciplina *História e Historiografia de Mato Grosso do Sul*, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados, ministrada pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Cimó Queiroz.

** Mestrando em História pela Universidade Federal da Grande Dourados, bolsista da CAPES, sob orientação do Prof^o Dr. Paulo Roberto Cimó Queiroz.

¹ O antigo Estado de Mato Grosso foi dividido no ano de 1977, através da Lei Complementar n^o 31, de 11 de outubro, sob o regime do então Presidente Gal. Ernesto Geisel.

² AMARILHA, Carlos Magno M. **Os Intelectuais e o Poder: História, Divisionismo e Identidade em Mato Grosso do Sul**. Dourados/MS, 2006. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados.; GALETTI, Lylia S. G. **Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso**. 2000. 358 f. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo; QUEIROZ, Paulo R. Cimó . Notas sobre divisionismo e identidades em Mato Grosso/Mato Grosso do Sul. Raído - **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD**, v. 1, p. 137-163, 2007; ZORZATO, Osvaldo. **Conciliação e identidade: considerações sobre a historiografia de Mato Grosso (1904-1983)**. 1998. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo.

do bicentenário da cidade de Cuiabá, então capital do Estado de Mato Grosso, por iniciativa do Governo de Dom Aquino Correia³, e que buscou através de alguns projetos, formular uma identidade que mudasse esse panorama. Deste modo, “todo o período do governo D. Aquino” foi marcado por “inúmeras manifestações culturais marcadas pela exaltação à terra e ao homem mato-grossense [...] sobretudo em torno das comemorações do bicentenário da fundação de Cuiabá” (GALETTI, 2000, p. 285).

Fruto deste movimento destaca-se a criação do Instituto Histórico Mato-Grossense e do Centro Mato-Grossense de Letras, entre os anos de 1919 e 1921, de onde emanavam discursos encarregados de edificar uma memória capaz de instalar e solidificar valores e tradições do então estado de Mato Grosso. Nesse sentido, “a preocupação em associar o progresso [...] à preservação da memória histórica estava presente na proposta de criação de um instituto local” (GALETTI, 2000, p. 285).

Levando em consideração o vasto território mato-grossense, existia um consenso acerca do modelo ideal de uma identidade regional? Amarilha ressalta que, quando da implantação do “Instituto Histórico (IHMT) e [...] depois Academia Mato-grossense de Letras (AML)” foi possível “divulgar e publicar uma imagem *nortista* pelos anos subsequentes, sempre construindo uma *literatura* e uma *história* privilegiando Cuiabá como *cidade-mãe* de Mato Grosso” (2006, p. 49, *grifos do autor*).

Deste modo, Cuiabá devia ser encarada como o modelo a ser seguido. Algumas pesquisas indicam que essa atitude teria sido uma manobra defensiva de uma porção das elites dirigentes do norte que se via ameaçada pela insurgência de uma crescente importância econômica e política da porção sul do Estado⁴.

Dito isto, constata-se a seguinte situação: de um lado tínhamos os cuiabanos tentando manter a “primazia do mando” (ZORZATO, 1998, p. 37); por outro lado, vimos insurgir com força um novo grupo de intelectuais e políticos advindos do sul, especialmente ligados à cidade de Campo Grande, com aspirações ambiciosas, desde uma ‘simples’

³ Dom Aquino Correia governou o Estado de Mato Grosso entre os anos de 1918-1922.

⁴ É o que ressalta Queiroz (2007), quando salienta que Cuiabá já estava numa posição incômoda uma vez que, “[...] ainda no século XIX [...] viram sua posição ameaçada pelo aumento da importância econômica e política de Corumbá [...], especialmente depois do final da Guerra do Paraguai (1870), [...] com a liberação da navegação pelo rio Paraguai em direção ao estuário do Prata [...] enquanto o ‘Norte’ permanecia virtualmente estacionado, em termos de incremento populacional e desenvolvimento econômico, todo o Sul recebia, após 1870, um regular fluxo de migrantes [...] além de imigrantes [...]. Desenvolvia-se, além da pecuária, a economia ervateira [...] em 1914 era completada a ligação ferroviária entre o interior paulista e as margens do rio Paraguai, com a estrada de ferro de Bauru a Porto Esperança [...] O advento da ferrovia permitiu ao Sul uma ligação direta e rápida com os grandes centros do Sudeste brasileiro [...] (enquanto a população cuiabana continuava a depender da difícil navegação dos rios Cuiabá e Paraguai até Porto Esperança, ponto terminal da ferrovia). A ferrovia estimulou, [...] o crescimento de outra potencial concorrente da velha Cuiabá: a cidade de Campo Grande, que logo, aliás, suplantaria a própria Corumbá na condição de principal pólo comercial do estado” (p.142).

mudança de capital do Estado, até uma possível e ‘radical’ divisão territorial. Assim, “os líderes sulistas buscavam desvincular-se do ‘Norte’ – rejeitando, portanto, aquela idéia de Cuiabá como ‘cidade mãe’ [...] negando qualquer influência ‘cuiabana’ no desenvolvimento da civilização sulista” (QUEIROZ, 2007, p. 146).

Alguns momentos especiais podem ser elencados em relação à ‘rebeldia’ sulista perante os nortistas de Cuiabá. Como indica Queiróz, “o que parece claro é que, durante pelo menos as quatro primeiras décadas do século XX, as aspirações divisionistas de setores da sociedade sulista apareceram aos dirigentes mato-grossenses” (2007, p. 141). É válido ressaltar que a partir dos anos 1920, com a pujança econômica trazida pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e o aumento populacional no sul de Mato Grosso, o movimento divisionista foi tomando forma (QUEIRÓZ, 2007, p. 143).

Bittar ressalta que por volta de 1911, a faceta mais violenta dos grupos políticos do sul do estado foi se esgotando, assim, “os caudilhos [...] foram substituídos por um novo grupo político que agora centrava-se em Campo Grande [...] começou a ser gestada uma nova elite política sul-mato-grossense: os doutores” (1999, p. 97). Algumas diferenças começaram a se acentuar entre os dirigentes do sul e do norte no início dos anos de 1930, sobretudo após o advento da *Revolução Constitucionalista de 1932*, encabeçada pelos paulistas (que obteve grande adesão por parte dos sulistas, ao contrário dos cuiabanos, que ficaram ao lado do Governo Vargas). Ainda recorrendo à Bittar, “nesse episódio, tendo permanecido Cuiabá leal a Vargas e Campo Grande favorável aos paulistas, acentuou-se o distanciamento desta em relação àquela” (BITTAR, 1999, p. 99).

Como se sabe, os paulistas foram derrotados, porém, estudantes sulistas que residiam no Rio de Janeiro criaram a criação da *Liga Sul-Mato-Grossense*, lugar onde se passou “a defender por escrito e abertamente, pela primeira vez, a separação entre o Sul e o ‘Norte’ do estado” (QUEIROZ, 2007, p. 145). Uma manifestação importante em prol da divisão se deu mesmo após a derrota do levante paulista em 1932, foi quando os sulistas “colheram 20 mil assinaturas em todo o Sul de Mato Grosso com o intuito de demonstrar à Assembleia Constituinte de 1934 a necessidade da divisão do estado [...] Tudo em vão: a petição não mereceu acolhida da Constituinte”. Assim, quando a Ditadura do Estado Novo se consolida em 1937, Vargas “combateu tenazmente toda espécie de regionalismo” (BITTAR, 1999, p. 102-103). Houve então um enfraquecimento do movimento divisionista, a ‘idéia de divisão foi ficando marginalizada, sendo lembrada, de quando em quando, apenas por um pequeno grupo de personalidades políticas” (QUEIROZ, 2007, p. 154).

Em dois outros momentos a discussão divisionista seria novamente repercutida. Primeiramente na Constituinte de 1947, quando houve uma tentativa de mudança da capital para a cidade de Campo Grande, e mais adiante, no ano de 1959, quando surge o movimento “Dividir para Multiplicar”, também iniciado pelos sulistas e que provocou, ironicamente, o movimento nortista divisionista, cujo *slogan* era “Dividir para Sobreviver”.

Justamente neste período, entre os anos de 1959 e 1963 que a *Revista Brasil-Oeste* participou deste debate, especialmente como voz consoante às ideias do movimento divisionista sulista. Importante neste fato é analisar como o periódico se posicionou frente o projeto de divisão de Mato Grosso, e como os seus diretores e colaboradores enfrentaram tal tema. Seria o divisionismo bom para o progresso de Mato Grosso? O desenvolvimento no Oeste finalmente chegaria com uma possível separação entre os dois polos do gigante estado? Ora, para responder tais questões, faz-se necessário compreendermos qual era o principal *foco* editorial desta revista.

É necessário tomarmos certo cuidado com algumas questões pertinentes às pesquisas com este tipo de fonte histórica, ou seja, as fontes seriadas, tais como o jornal ou a revista. É condição essencial historicizar a fonte e fazer uma incursão, mesmo que brevemente, através das possíveis razões que promoveram sua existência, para não corrermos o risco, de buscar, muitas vezes apressadamente “frases e temas pinçados aqui e acolá, descosturados do mergulho de seu tempo e que não iluminam suficientemente o passado” (MARTINS, 2003, p. 60). Dito de outro modo, o que ocorre vez ou outra, é que a “imprensa é apresentada como fonte subsidiária ou secundária, e as publicações são tomadas como meras fontes de informação”, prevalecendo dessa forma, “uma pesquisa sobre o assunto em pauta, na qual artigos e seções identificados são imediatamente *deslocados* dos veículos e integrados, sem quaisquer mediações de análise, ao contexto macro da pesquisa”. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 256).

Buscando fugir deste problema, faz-se necessário uma apresentação preliminar da *Revista Brasil-Oeste* e as possíveis causas de sua produção. Este periódico foi idealizado pelo jornalista Fausto Vieira de Campos em conjunto com seu filho, Fausto Moraes Godoy de Campos. A revista era produzida na cidade de São Paulo-SP, através da *Brasil-Oeste Editôra Ltda.*, que incluía ambos como sócios⁵. Seu período de circulação se estendeu entre os anos de 1956 e 1967, totalizando a publicação de 123 edições.

⁵ Certidão Simplificada. Contrato Social de *Brasil-Oeste Editôra*. Ano de 1957, Junta Comercial do Estado de São Paulo.

Fausto Vieira de Campos reuniu em torno de si e de seu projeto uma gama de colaboradores e correspondentes, em várias localidades do país, e o papel destes elementos na revista foi muito importante. Em relação aos primeiros, pela representação e o prestígio que poderiam trazer ao periódico, sobre os últimos, o papel de distribuição e também de informação sobre suas localidades. Mensalmente, a *Brasil-Oeste* se preocupava em difundir reportagens sobre as inovações técnicas da produção agropastoril e, especialmente, a preocupação em elevar o nome do Estado de Mato Grosso diante do cenário nacional e também internacional.

Deste modo, as temáticas editoriais da *Revista Brasil-Oeste* almejavam auxiliar os produtores e investidores da região, em prol do desenvolvimento do Oeste do país, especialmente Mato Grosso e Goiás. O momento era especial para tal tarefa, uma vez que a imprensa passava por modificações impressionantes, tanto no que diz respeito às novas possibilidades de produção e distribuição, aumento de publicidade, barateamento de custo e também o papel de reformulação da profissão jornalística.

Muitos estudiosos da imprensa⁶ consideram a década de 1950 como um período peculiar na trajetória do jornalismo brasileiro, resultado de mudanças cruciais. “De acordo com o espírito do tempo dos anos JK, em que desenvolvimentismo e modernização são palavras de ordem, também os jornais diários [...] apressam-se em se transformar” (BARBOSA, 2007, p. 149).

O jornalista passou a depositar em si mesmo o papel de porta-voz da sociedade, e esta representação era refletida nas páginas dos periódicos. Ele era capaz de educar o povo, através de suas palavras, de trazer para o real todos os anseios da sociedade, por intermédio de seus escritos, e não bastava somente só divulgar, informar, mas, sobretudo tornar *público* e *revelado* (BARBOSA, 2007, p. 153, *os grifos são nossos*). Assim, Fausto Vieira de Campos sentia-se como aquele cuja missão era provocar o eco as vozes do *esquecido* Estado de Mato Grosso, usando do poder e da credibilidade de sua profissão, para descobrir e tornar conhecido o ‘gigante do oeste’ brasileiro.

A *Revista Brasil-Oeste*, insere-se neste processo, não apenas como um periódico “depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas”, mas especialmente “como uma força ativa da história” (CRUZ & PEIXOTO, 2007, p. 257), tal como todos os periódicos devem ser entendidos. Tal constatação não se dá ao léu, pois quando do

⁶Ver: ABREU, Alzira Alves de. **Imprensa em Transição: O Jornalismo Brasileiro nos Anos 50**, Rio de Janeiro, Editora FGV, 1996; BARBOSA, *Marialva*. **História Cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**; RIBEIRO, A. P. G. . Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Estudos Históricos - CPDOC/ FGV**, Rio de Janeiro, v. 31, p. 147-160, 2003.

surgimento da primeira edição da revista, uma espécie de *manifesto-programa* foi publicado e estabelecido os principais objetivos deste periódico. Vejamos:

Nossa revista tem uma finalidade precípua: tornar mais conhecida e melhor compreendida a vasta região do Centro-Oeste brasileiro, compreendida pelos Estados de Mato Grosso e Goiás.

De modo geral, entretanto, merecerão acolhimento, em nossas colunas, todos os fatos relacionados com os Estados que confinam com Mato Grosso, dada a identidade de interesses que existe entre eles.

Não temos ligações com grupos políticos nem econômicos. Nossa atuação obedecerá a um roteiro superior, tendo em vista difundir a maior soma de conhecimentos sobre as regiões brasileiras que estabelecemos como quadro natural de nossa atividade jornalística. Todos os problemas geoeconômicos que digam respeito aos Estados de Mato Grosso e de Goiás e aos Territórios do Guaporé e do Acre serão gradativamente examinados em nossas colunas, de modo que se esboce, através de uma honesta difusão de opiniões, uma solução adequada e justa para eles.

Particular interesse merecerão de nossa parte os assuntos agropecuários, pois que nesse ramo de atividades se fundamenta a parcela mais ponderável da economia dos Estados do Centro-Oeste (*Revista Brasil-Oeste*, Ano I, n° 01, Janeiro de 1956, p. 2)⁷.

Fausto Vieira de Campos apareceu com destaque no Estado de Mato Grosso especialmente pela publicação de sua obra *Retrato de Mato Grosso*, no ano de 1955. Neste estudo, faz uma intensiva abordagem acerca dos mais diversos aspectos da região, sejam eles, geoeconômicos, climáticos ou políticos. Seu livro mereceu duas outras publicações, nos anos de 1960 e 1969. Esta constatação se faz importante, pois pelo que tudo indica foi o primeiro passo para a editoração da *Revista Brasil-Oeste*.

No mês de janeiro do ano de 1956, o primeiro número do referido periódico foi publicado. Nas primeiras páginas encontraremos o *manifesto-programa*, como já demonstramos e, além disso, algumas mensagens que intentavam esclarecer para o leitor que este projeto era de ordem particular, com olhos voltados para o Estado de Mato Grosso, mas sem participação política alguma. Os editores não estavam vinculados a qualquer segmento político ou econômico e não se responsabilizavam pelo posicionamento dos articulistas que postavam seus artigos na revista, confiando a eles total responsabilidade sobre seus escritos, conforme o trecho a seguir:

Não temos ligações com grupos políticos nem econômicos. Nossa atuação obedecerá a um roteiro superior, tendo em vista difundir a maior soma de conhecimentos sobre as regiões brasileiras que estabelecemos como quadro natural de nossa atividade jornalística (*Revista Brasil-Oeste*, Ano I, N° 1, 1956:02).

Entretanto, veremos nas páginas subsequentes que a lógica jornalística do periódico não obedecia ao modelo de neutralidade e objetividade que tanto sugeria. Para demonstrarmos tal fato, seu posicionamento perante a questão do divisionismo nos servirá de

⁷ Resolvemos manter a ortografia da época sem fazer qualquer alteração.

exemplo. Deste modo, faz valer a ideia de que um periódico não pode ser tomado pura e simplesmente como um mero instrumento de informação, ele também carrega consigo o caráter de manipulação de interesses e de intervenção na vida social (CAPELATO e PRADO, 1980, p. XIX), e especialmente a imprensa, que se apresenta como um dos “mecanismos pelos quais um grupo se impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1990, p. 17).

A *Revista Brasil-Oeste* se encaixa perfeitamente neste processo, uma vez que suas reportagens escavam carregadas de representações que visavam promover o Estado de Mato Grosso como potência nacional. As opiniões de seus principais articulistas extrapolavam qualquer aspiração objetiva na sua escrita. Isto de certa forma contraria uma tendência da imprensa nos anos de 1950, que buscava certa objetividade na escrita jornalística em detrimento dos artigos de opinião. Mas é compreensível se absorvermos a ideia de que havia um projeto bem estabelecido pelos diretores da *Brasil-Oeste* e que dava razão à sua existência.

Conforme destaca Ribeiro (2003, p. 148) até a década de 1950 “os periódicos brasileiros seguiam então o modelo francês de jornalismo, cuja técnica de escrita era bastante próxima da literária. Os gêneros mais valorizados eram aqueles mais livres, opinativos, como a crônica, o artigo polêmico e o de fundo”. Porém, a partir deste período, houve em afastamento deste modelo de escrita francês, para se adequar ao padrão jornalístico americano, mais objetivo e conciso, com poucas aberturas para as opiniões dos seus articulistas, almejando mais credibilidade dos fatos. Assim, “a imprensa foi deixando de ser definida como um espaço do comentário, da opinião e da experimentação estilística e começou a ser pensada como um lugar neutro, independente” (RIBEIRO, 2003, p. 148).

No caso da *Revista Brasil-Oeste* este procedimento não se aplica na prática. Por mais que os editores do periódico fizessem questão de mostrar ao seu público leitor que não estavam atrelados a nenhum partido político ou ramo empresarial, os seus artigos eram recheados de opiniões pessoais, consoante ao modelo tradicional da escrita jornalística brasileira. Vale a pena ressaltar que as mudanças que aconteciam no jornalismo brasileiro não podem ser aplicadas a toda imprensa, este processo desenvolvia-se lentamente.

De suas 123 publicações, recolhemos alguns números, entre os anos de 1959 e 1963. Durante este período, a *Brasil-Oeste* apresentou diversos artigos sobre o divisionismo. Tal discussão se inicia na edição número 37, de Junho de 1959, quando num artigo escrito por

Adeir Ávila de Andrade⁸, informando sobre a criação do “Movimento Pró-Divisão de Mato Grosso”, iniciado na cidade de Campo Grande. Esta Comissão resolveu “expedir duas mil circulares sôbre o movimento e instalar comitês para difundir a campanha” (*Revista Brasil-Oeste*, Ano IV, n° 37, 1959, p. 54).

Este texto poderia ser encarado como apenas uma notícia objetiva e imparcial, porém, na mesma página, o periódico publica outro artigo de autoria do Ex-Prefeito de Campo Grande, Demóstenes Martins⁹. Neste texto, encontramos o posicionamento do Sr. Martins com clareza, uma vez que ele fez questão de frisar as boas possibilidades de progresso que desaguaria em ambas as regiões, do norte e do sul, após uma possível divisão, e, além disso, acredita que o poderio político do momento é dos sulistas. Vejamos:

Possuindo a região (sul) 21 deputados dos 30 que constituem a Assembleia Legislativa, o velho problema apresenta-se com as melhores possibilidades de solução [...]
As populações do Norte e do Sul de Mato Grosso têm *processus* de vida diversificados pelas tradições da sua formação, pela economia que as embasam e pelo ambiente físico das regiões [...]
Hoje, ambas as regiões, no meio físico em que se situam, têm auto-suficiência na sua diversificada economia.
A divisão em vez de maléfica será um bem para ambas as regiões (*Revista Brasil-Oeste*, n° 37, 1959, p. 54-55, *grifos do autor*).

Martins ressalta que os *sulistas* predominavam na Assembleia Legislativa, significando dizer que se a proposta de divisão chegasse a ir para o pleito de uma votação, a vitória do movimento *pró* era provável, mas ressalta que os nortistas não deviam temê-la (uma vez que dadas as diferenças imensuráveis entre as duas regiões, sejam culturais ou geográficas), depois que cada uma seguisse seu rumo, certamente a separação privilegiaria ambas.

Amarilha ressalta que “o manifesto mostra a força política do sul de MT, uma vez que possuía a maioria dos deputados federais e estaduais, além da maioria do eleitorado” (2006, p. 97). O *slogan* deste movimento era “Dividir para Multiplicar” e carregava uma carga menos agressiva do que as propostas divisionistas anteriores, que vinham impregnadas de rancor e rivalidade entre os sulistas e nortistas. Notaremos através dos artigos da *Brasil-Oeste*, que havia preocupação em manter a cordialidade aos contrários da divisão do Estado, e a razão principal para tal movimento, era no final das contas, um projeto que almejava fortalecer tanto o Norte quanto o Sul.

⁸ Adeir de Ávila Andrade aparece como colaborador da *Revista Brasil-Oeste* em cinco números, especialmente no período em que as discussões divisionistas estavam em pauta.

⁹ Demóstenes Martins apareceu 120 vezes na primeira página da *Brasil-Oeste*, figurando entre os mais assíduos colaboradores do periódico. Neste período, escreveu doze artigos para a revista. É válido dizer que Martins foi um personagem importante na luta pela divisão do Estado de Mato Grosso.

Outro texto que consideramos de suma importância é de autoria de Fausto Vieira de Campos. No artigo “Movimento Divisionista de Mato Grosso”, Fausto apoia as ideias de Demóstenes Martins e seu discurso carrega a mesma entonação do anterior. Primeiramente o autor inicia seu texto salientando que a “divisão de Mato Grosso tem sentido realístico e *atende imperativos geoeconômicos*”. Não se tratando de “dissenção provinciana, nem de rebeldia” (*Revista Brasil-Oeste*, Ano IV, nº 38, 1959, p. 49, *grifos nossos*).

O referido jornalista deixa claro que uma redivisão territorial no país, especialmente em Mato Grosso resultaria, inevitavelmente no iminente progresso dessas regiões, uma vez que, em decorrência de suas enormes extensões de terra, impossibilitavam seu desenvolvimento pleno, travando as engrenagens do progresso. Nas palavras do autor:

É essa a razão *transcendental* do lema ‘Dividir para Multiplicar’. E é sob êsse prisma, sem antagonismos políticos, sem ressentimentos pessoais, que a causa deve ser sustentada.

É importante que se desenvolva o Oeste. Razões de ordem econômica, impositivos de defesa nacional, aconselham que se promova o progresso nos territórios despovoados que confinam com as lindes internacionais (*Revista Brasil-Oeste*, Ano IV, nº 38, 1959, p. 49, *grifos nossos*).

O *progresso* e a *defesa* do oeste brasileiro são duas das principais justificativas para a divisão territorial. Quando o autor usa o termo *transcendental*, ele quer dizer que isto foge às questões meramente políticas ou pessoais, uma vez que é condição *sine qua non* para o progresso das regiões. Dois estados menores favoreceriam as atividades administrativas, a redistribuição de verbas para os municípios e o acompanhamento mais recorrente dos seus governantes.

É importante, contudo, ressaltar que nem todos os artigos publicados pela *Revista Brasil-Oeste* eram serenos, pois na medida em que os debates foram se intensificando, as críticas e acusações se fizeram presentes neste processo. Pedro Nogueira¹⁰ publicou um pequeno artigo, ressaltando que não se tratava de “menosprezar ou hostilizar os irmãos do Norte. O movimento situa-se num plano elevado e obedece a imperativos geoeconômicos que não podem ser relegados a plano secundário”. Contudo, no mesmo texto, percebe-se que aquele velho discurso do ‘estigma do abandono’, que sempre se fez presente no discurso divisionista sulista reaparece no ano de 1959. Nogueira faz questão de ressaltar que, “se justifica a reivindicação *diante da constante ausência* do Governo do Estado [...] para que possam desenvolver-se as iniciativas pioneiras aqui lançadas por particulares progressistas” (*Revista Brasil-Oeste*, Ano IV, nº 38, 1959, p. 50, *grifos nossos*).

¹⁰ Pedro Nogueira foi correspondente da *Brasil-Oeste* pela cidade de Aquidauana durante vários anos.

Na mesma publicação encontraremos críticas mais talhantes no artigo escrito por Paulo Jorge Simões Corrêa¹¹, originalmente publicado no jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande e transcrito pela *Brasil-Oeste*. Este autor recorre até mesmo a (então) vindoura cidade de Brasília para rebater as críticas dos antedivisionistas, como veremos a seguir:

Há os que alegam ser utópica a idéia da divisão que é uma idéia velha e superada. Que, se fôsse viável, teria sido concretizada há muito tempo.

A êsses podemos responder com Brasília. A mudança da Capital vinha sendo consignada em tôdas as nossas Constituições desde 1891. Era também, na opinião da maioria do povo, uma utopia e, no entanto, bastou que um Presidente da República resolvesse pô-la em prática para que a Nova Capital fôsse uma realidade. Hoje, ninguém dúvida de sua concretização [...]

Assim será com a divisão do Estado (*Revista Brasil-Oeste*, Ano IV, n° 38, 1959, p. 50).

O *divisionismo* fez jus ao aparecimento, momentâneo é verdade, da coluna “Movimento Divisionista de Mato Grosso”, de onde emanavam os discursos pró-divisão, contudo, quando imagina-se que o posicionamento de Fausto Vieira de Campos e os artigos publicados que reforçavam o discurso dos sulistas, eram uníssonos no periódico, algumas discordâncias dentro do próprio editorial da revista emergiram. Especialmente pelo artigo escrito na edição n° 39, de agosto de 1959, por Sízínio Leite da Rocha¹².

Sua participação na revista teve início na edição de dezembro de 1958. Este articulista sempre se posicionou de maneira muito crítica àqueles assuntos mais gritantes do período, não foi diferente em relação ao *divisionismo*. Contudo, diferente do que poderíamos supor, Sízínio se posicionou contra às inúmeras reportagens e artigos escritos pela *Brasil-Oeste* em favor da divisão estadual.

Apesar de todo o apelo por parte dos intelectuais e políticos que dirigiam e colaboravam com a revista em prol da divisão, Sízínio Leite da Rocha era inteiramente contrário a divisão. No artigo intitulado de “Manobras Separatistas”, ele rebate os principais argumentos dos divisionistas que giram em torno de problemas geográficos, diferenças culturais, sociais e econômicas, entre o norte e o sul. É interessante ressaltar a sua desconfiança para com os verdadeiros objetivos daqueles que eram favoráveis à divisão. Segundo o autor: “O Povo mato-grossense de todos os quadrantes nada tem a ganhar com a separação. Mas... os separatistas ganham, pois muitos cargos serão criados...” (*Revista Brasil-Oeste*, Ano IV, n° 39, 1959, p. 45).

¹¹ Paulo Jorge Simões Corrêa foi um dos signatários do panfleto do *Movimento Pró-Divisão de Mato Grosso*, e teve amplo espaço para divulgar suas ideias na *Brasil-Oeste*, foi listado como colaborador em 32 edições da revista.

¹² Maior colaborador da *Brasil-Oeste*, publicou mais de sessenta artigos. Sízínio L. Rocha é apresentado pela revista como autor da obra “Sociologia Política”, lançada no ano de 1939 e que segundo Simone Meucci (2008), foi dos primeiros manuais didáticos sobre sociologia publicados no país.

Ainda neste texto, o articulista assinala que a divisão no final das contas não ajudaria em nada no progresso dos dois estados, como diziam os separatistas, uma vez que separados, estarão susceptíveis ao enfraquecimento, pois “se a renda de Mato Grosso é pequena, é certo que não aumentará com o separatismo, assim é bem possível que ambas as regiões, no final das contas, tornem-se TERRITÓRIOS FEDERAIS” (*Revista Brasil-Oeste*, Ano IV, n° 39, 1959, p. 45).

A partir deste artigo, iniciou-se na *Revista Brasil-Oeste*, uma incompatibilidade de posições acerca do *divisionismo*. De um lado a direção principal deste impresso e por outro lado, o posicionamento do articulista Sízínio L. Rocha, especialmente¹³. Na edição posterior ao texto publicado por este autor, Fausto Vieira de Campos rebate seu colega dizendo que tais argumentos antidivisionistas são ilógicos, pois, a arrecadação mais concentrada em duas unidades federativas do país seria mais facilmente fiscalizada, impedindo inclusive, o alto índice de sonegação de impostos que assolava a região, isso de certa forma desautorizava os

[...] argumentos de personalidades que contrariam o movimento divisionista do Estado, ponderando que se o todo mal se mantém de pé, a divisão desse todo em duas partes distintas e autônomas conduziria fatalmente a um mais acentuado subdesenvolvimento econômico, e até mesmo o regime de territórios federais...

Contrariamente a essa tese, a formação de dois Estados no quadro territorial de Mato Grosso teria o condão de impulsionar o progresso nas duas regiões distintas e autônomas (*Revista Brasil-Oeste*, Ano IV, n° 40, 1959, p. 44).

Seguiu-se esta contenda até a edição n° 42, ainda no ano de 1959. Contudo, cessaram-se as discussões momentaneamente e este foi o último número em que tal tema entrou em pauta, desaparecendo por alguns anos, e que tornaria a ser aventado, quatro anos mais tarde, em 1963.

A que se deve este desaparecimento das páginas da *Brasil-Oeste* os debates acerca do divisionismo? Ao que tudo indica isto não aconteceu somente neste periódico. Alguns autores atribuem o amortecimento dos debates iniciados pelo *Movimento Pró-Divisão* à campanha presidencial do mato-grossense Jânio Quadros, então governador de São Paulo.

Segundo Marisa Bittar, quando integrantes deste movimento estiveram juntos com Jânio Quadros, em sua passagem por Campo Grande, pouco antes da campanha presidencial de 1960, a resposta sobre uma possível divisão não foi positiva, vejamos:

O manifesto foi propagandeado no final da década quando Jânio Quadros, um sul-mato-grossense de nascimento, foi candidato à presidência da República. Esperava-se obter a

¹³Outro colaborador importante da *Brasil-Oeste* que era totalmente contrário à divisão do Estado de Mato Grosso foi o historiador Virgílio Corrêa Filho, que deixou claro, através de uma resenha da segunda edição da obra de Fausto Vieira de Campos, *Retrato de Mato Grosso*, o seu desgosto perante o claro posicionamento deste último em favor do divisionismo.

sua concordância, mas, quando ele hospedou-se numa chácara em Campo Grande, pouco antes da campanha eleitoral, foi procurado por uma comissão de separatistas e, ao tomar conhecimento do símbolo do movimento, uma tesoura, teria dito: “*Esta tesoura corta meu coração!*” Suas palavras, diz José Barbosa Rodrigues, “*foram águas na fervura*” (BITTAR, 1997, p. 223, *grifos da autora*).

É certo que os divisionistas esperavam uma resposta positiva de Jânio, uma vez que ele era campo-grandense e poderia ser sensibilizado em relação ao projeto de separação do Mato Grosso, contudo isto não ocorreu. É bem provável que havia uma preocupação logística eleitoral por parte de Jânio no que diz respeito à sua visibilidade e aprovação na região norte do Estado, especialmente Cuiabá e se ele se envolvesse numa causa tão polêmica como esta, poderia por em jogo seu ambicioso projeto chegar à presidência da república.

Conforme ressaltou Paulo Coelho Machado, ex-secretário de estado do governo de José Fragelli, e assumidamente divisionista: “Quando Jânio foi candidato, passou por aqui e propuseram a ele o apoio em troca da divisão. Ele disse que *a terra era como mãe, não se divide*, etc. Então, esfriou” (NEVES, 2001, p. 271).

Nesse sentido, é fato que a posição do candidato esfriou as pretensões do movimento, aliado a isso, o próprio momento político do país contribuía para esta situação, uma vez que todas as atenções estavam voltadas para as candidaturas presidenciais. Por outro lado, a projeção de um mato-grossense na presidência da república alimentou esperanças nas elites políticas do sul e do norte do estado, que viam com bons olhos esta possibilidade.

Na *Revista Brasil-Oeste*, este fato se deu de maneira bem clara. No período em que Jânio Quadros esteve à frente do Governo do Estado de São Paulo (1955-1959), Fausto Vieira de Campos e seus articulistas não pouparam críticas ao então governador paulista. Contudo, esta posição se modificou sensivelmente quando o Jânio se candidatou à presidência da República. No período de campanha, o mesmo deu uma entrevista para a revista onde soltou uma frase de impacto: “Não compreendo um Brasil rico com um Mato Grosso tão pobre! É por isso que repito: no interesse da Pátria, é chegada a hora de Mato Grosso!” (*Revista Brasil-Oeste*, Ano V, nº 51, 1960, p. 35).

Entretanto, na medida em que o Jânio se elegeu e não correspondeu às expectativas de Mato Grosso, a revista voltou a criticá-lo com maior vigor, até que no dia 25 de agosto do ano de 1961, o então presidente renunciou e jogou um ‘banho de água fria’ em

qualquer expectativa vinda dos mato-grossenses em relação às promessas do político da *vassourinha*¹⁴.

No ano de 1963, sob o governo estadual e federal, representados respectivamente por Fernando Côrrea da Costa e João Goulart, o debate acerca do divisionismo vem à tona mais uma vez, a *Revista Brasil-Oeste* não ficou de fora e estampou na capa de Agosto do mesmo ano a seguinte chamada: “MT: Ressurge o Movimento Divisionista”.

Este movimento, conforme ressaltou Bittar, foi a última tentativa dos divisionistas para a separação do norte e do sul. Surgiu o *Comitê Divisionista de Campo Grande*, que “distribuiu panfletos convidando a todos para uma *passeata pela divisão do Estado*, assinados, entre outros, por Plínio Barbosa Martins, Oclécio Barbosa Martins, Paulo Simões Côrrea, Dolor Ferreira de Andrade e Plínio Soares Rocha” (Bittar, 1999, p. 129).

Paulo Jorge Simões escreveu um artigo informando aos leitores da *Brasil-Oeste* sobre a convocação de um “Congresso Extraordinário dos Municípios Mato-Grossenses”, que seria realizado no mês de Outubro do ano de 1963, em Corumbá. Segundo ele:

Não se compreende porque não se possa discutir democrática e patrioticamente, uma idéia, aceitando-a se for boa, e rejeitando-a se for má, com espírito patriótico, com liberdade, e não com manobras [...] indignas de inteligências privilegiadas, como são muitas daquelas que se opõem à idéia divisionista (*Revista Brasil-Oeste*, Ano VIII n° 85, 1963, p. 30).

É importante ressaltar que neste mesmo artigo, o autor resalta que a ideia de uma reunião extraordinária “teve origem num requerimento da bancada cuiabana” (*Revista Brasil-Oeste*, Ano VIII n° 85, 1963, p. 30). De fato na página seguinte da mesma edição, a *Brasil-Oeste* divulga um manifesto pró-divisão lançado na cidade de Cuiabá, com assinatura de várias figuras conhecidas do norte do Estado.

Neste texto constata-se que uma parte da elite dirigente cuiabana estava cansada de tantas agressões e reclamações advindas do Sul. Com certo tom de ironia, os cuiabanos substituiriam o *slogan* divisionista, “Dividir para Multiplicar”, por “Dividir para Sobreviver!”. Argumentavam eles que a divisão os libertariam do abandono e das inúmeras zombarias que lhes eram atribuídas:

Atentem para o conceito desfrutado por Cuiabá no Sul do Estado: é tão desprimoroso quanto o conceito do Estado aos olhos das unidades da Federação. Mas, é assim que nos querem e hão de fazer força para conservá-la. [...]

¹⁴ É verdade que o tempo em que Jânio Quadros esteve à frente da presidência da república foi muito pouco para sanar todos os problemas do Estado de Mato Grosso, contudo, os diretores da *Brasil-Oeste*, que nunca foram muito simpáticos em relação a ele, acentuaram suas críticas.

Para sairmos deste caos, não nos cabe outra alternativa, senão dispormos de governadores nortistas, Deputados Estaduais nortistas e nortistas Deputados Federais e Senadores. As suas vistas voltar-se-ão só e exclusivamente para o Norte, como fazem hoje para o sul os olhos dos nossos dirigentes. E o único caminho a trilhar é dividir-se o Estado. Feixemos aquela tesoura que um dia nos exibiram aberta com o Estado entre as lâminas. Para a felicidade deles e sobrevivência nossa (*Revista Brasil-Oeste*, nº 85, 1963, p. 32).

Lenine Póvoas escreveu em sua obra *Síntese da História de Mato Grosso* (1992) que os cuiabanos (leia-se, as lideranças de Cuiabá) eram contra a divisão até o movimento de 1959, porém, quando em 1963 ressurgiu o grupo divisionista, chegava a hora de por fim ao “menosprezo que lhes era dirigido e da ofensa que se lhes atirava dizendo-se que viviam às *expensas do Sul*” (p. 122). Assim, parece-nos que aos poucos, mesmo que melancolicamente, uma fração dos políticos nortistas passou a aceitar de certa forma a divisão territorial.

Um fato muito importante que está vinculado ao manifesto pró-divisionista de Cuiabá, foram as ásperas críticas direcionadas ao diretor da *Brasil-Oeste*, Fausto Vieira de Campos, sobretudo pelo que escreveu sobre a cidade de Cuiabá na sua obra *Retrato de Mato Grosso*, que na visão dos cuiabanos foi ofensiva e infeliz, pois para eles o autor foi grosseiro ao atribuir toda culpa pelo atraso mato-grossense à cidade de Cuiabá, ou

[...] pela demora na marcha para o progresso de nosso Estado, como insinuam muitos, entre eles, o Sr. Fausto Vieira de Campos [...]

Nada mais falso! Engana-se a sua senhoria: o estabelecimento da Capital de Mato Grosso em Cuiabá, não constitui erro político-administrativo; foi apenas um imperativo da época, como o é, hoje, a divisão do Estado um imperativo do momento. [...]

Se os filhos do sul se sentem hoje em posição de auto-suficiência para uma sobrevivência autônoma, isso é a prova evidente, incontestável, de que o Governo de Cuiabá não fez ouvidos moucos às suas aspirações; não se ausentou aos seus anseios de desenvolvimento (*Revista Brasil-Oeste*, Ano VIII, nº 85, 1963, p. 32).

Importante ressaltar que Fausto Vieira de Campos utiliza em seu favor as críticas que recebeu no manifesto cuiabano, especialmente para demonstrar a força de sua voz e representatividade enquanto jornalista, além do sucesso de sua obra. Logo abaixo da transcrição do referido manifesto, Fausto faz a publicidade de *Retrato de Mato Grosso*, apresentando-o como um vasto estudo, com “286 páginas de textos (com numerosas ilustrações) abarcando temas geoeconômicos, notas sobre transportes e comunicações, colonização, indústrias extrativas, (minerais e vegetais), e exposição sucinta sobre o movimento divisionista de Mato Grosso” (*Revista Brasil-Oeste*, Ano VIII, nº 85, 1963, p. 33). Este posicionamento um tanto quanto irônico, foi inteligente, especialmente por utilizar as críticas para publicizar seu livro com a finalidade de inculcar seu leitor a comprá-lo, ou então em perceber a importância de seu autor ao ponto de ser citado num manifesto como aquele, mesmo que negativamente.

Neste manifesto seguem-se outras diversas frases de impacto e indagações sobre o progresso sulista à custa do declínio nortista. Observa-se um tom abatido e apático do texto e que carrega consigo uma tonalidade quase literária. De fato é como se os signatários do manifesto estivessem ‘entregando os pontos’, e dando aos sulistas aquilo que eles almejavam durante muito tempo.

Assim, o encontro de municípios aconteceu em Corumbá no mês de outubro de 1963. A *Brasil-Oeste* estampa em sua capa: “Congresso de Municípios Aprova (45 contra 11) a Divisão de Mato Grosso. Plebiscito em 1964”. Nesta edição, além da ampla cobertura sobre o evento, Fausto Vieira de Campos responde ao movimento “Dividir para Sobreviver”, buscando defender-se das acusações que lhe foram feitas e mais uma vez, utiliza-se do poder de veiculação de sua revista para representar a si mesmo e com isso, aumentar a credibilidade de seu livro, e a sua própria. Nas palavras do autor:

No meu livro “Retrato de Mato Grosso” não há desigualdade de tratamento. Norte e sul mereceram a mesma atenção, e às duas regiões destinei espaço bastante para refletir o panorama geoeconômico que nelas descortinava.

O livro *teve repercussão mundial*. Sòmente por intermédio da BRASIL-OESTE EDITORA LTDA (que se incumbira da revenda de pequeno lote de 3.000 exemplares da 2ª. Edição), foram despachados para compradores residentes nos Estados Unidos, Alemanha, Itália, Portugal, Espanha, Egito, Israel, Índia e Japão (além de outros países) 876 exemplares (*Revista Brasil-Oeste*, Ano VIII, nº 86, 1963, p. 26, *grifos nossos*).

Fausto pede ponderação em relação às apropriações de suas ideias, contidas no livro e que nada tem contra o povo cuiabano. Nas palavras do autor, *Retrato de Mato Grosso* não pode ser interpretado sob “pretexto para reparo injusto à minha conduta com respeito a Cuiabá e aos cuiabanos” (*Revista Brasil-Oeste*, Ano VIII, nº 86, 1963, p. 26). É válido dizer que os diversos artigos escritos em favor da divisão do Mato Grosso vinculados à revista provavelmente provocaram certa antipatia para com os nortistas (cuiabanos), porém, a vinculação do manifesto cuiabano na íntegra nas páginas da edição nº 85 parece ter sido na verdade uma manobra dos diretores do periódico para demonstrar que *mesmo* os nortistas estavam em favor da ideia de divisão. Assim, utilizando das palavras dos seus críticos, disseminou ainda mais o divisionismo.

A reportagem principal deste número, referente ao encontro de municípios matogrossenses em Corumbá foi extensa e a cobertura foi total por parte da revista, que fez questão de demonstrar-se capaz de *promover* o progresso de Mato Grosso, através de suas reportagens. No início do texto podemos ler:

Em 1959 o movimento tomou novo impulso. Em 1960, na 2ª. Edição de sua obra “Retrato de Mato Grosso” o jornalista Fausto Vieira de Campos incluía um capítulo historiando a

jornada dos divisionistas e dando maior difusão aos ideais daqueles que entendiam como a modalidade mais acertada para acelerar o progresso na *Província do Oeste*, a descentralização administrativa, e conseqüentemente a formação de duas novas Unidades Federativas.

Os debates surgiram, nessa época, e tiveram repercussão também *em todo o país, graças à cobertura jornalística que o movimento mereceu da Brasil-Oeste* (*Revista Brasil-Oeste*, Ano VIII, n° 86, 1963, p. 33, *grifos nossos*).

Este fragmento é capital para entendermos o ambicioso projeto da revista, que se orgulhava e não poupava palavras para apresentar aos seus leitores o quanto estava alinhada a um movimento que buscava uma *mudança* radical pelos lados do Oeste do Brasil: a divisão de Mato Grosso. Contudo, o que não devemos de forma alguma sustentar é a ideia de que havia uma homogeneidade de opiniões, sem disputas internas. Como apresentamos anteriormente, mesmo que Fausto Vieira de Campos, dono do impresso se posicionasse claramente em favor do divisionismo, o respeitado colaborador Sizínio Leite Rocha, continuou se posicionando contrário à divisão, até o fim das reportagens acerca do assunto.

Seu último texto sobre o tema foi intitulado: “O Divisionismo não favorecerá o progresso de Mato Grosso”. Recorrendo a uma justificativa apaixonada, o autor pede ao leitor que não deixe que a Assembleia Legislativa de Mato Grosso seja invadida por políticos vindos de outros estados (fazendo alusão aos diversos políticos divisionistas que não eram mato-grossenses). “Na bancada de Mato Grosso figuram brasileiros de outros Estados, o que não acontece em Minas Gerais, nem mesmo no Rio Grande do Sul e outros Estados da União”. (*Revista Brasil-Oeste*, Ano VIII, n° 88, 1963, p. 39). Continua o artigo:

Adote o mato-grossense do norte a técnica riograndense ou mineira, elegendo apenas mato-grossense de nascimento e de coração, para que Mato Grosso deixe de ser campo de discórdias econômicas e políticas que certos grupos econômicos de fora do Estado se alimentam. [...]

Não se guie pelos partidos, sejam eles UDN, PTB ou PSD. Para o mato-grossense politizado o que interessa é a união de Mato Grosso e a solução, pelos meios normais, dos seus problemas comuns, que os partidos não podem resolver [...] não fomentemos idéias entre irmãos que PEDEM PAZ PARA TRABALHAR! (*Revista Brasil-Oeste*, Ano VIII, n° 88, 1963, p. 39-40).

Após a edição de outubro de 1963, cessaram as discussões sobre o divisionismo. Nada mais foi dito até a extinção da revista, no ano de 1967. Esta (aparente) estranha atitude editorial não difere muito do movimento divisionista em si, que também se calou (ironicamente depois de terem avançado com a concretização do Congresso de Municípios Mato-Grossenses em Corumbá, dedicado exclusivamente para debater tal assunto). Mesmo com vitória esmagadora de 45 votos contra 11, em favor da divisão, nada aconteceu, pois não houve validação daquela votação, e muito menos plebiscito, contrariando o artigo 3° da

resolução aprovada no evento, que delimitava um “prazo de 180 dias [...]” data máxima para que fosse “procedida a consulta plebiscitária, por voto direto e secreto, da população diretamente interessada” (*Revista Brasil-Oeste*, Ano VIII, nº 86, 1963, p. 36).

Sabe-se que o movimento cessou e desapareceram as discussões fervorosas de outrora. É possível dizer que uma das razões principais para o amortecimento da campanha divisionista foi provocada pelo momento delicado em que o país vivia. O medo de um golpe comunista e as diversas reformas sociais pretendidas pelo governo presidencial de João Goulart tomaram conta dos noticiários e das atenções políticas. Nas páginas da revista *Brasil-Oeste* tal assunto obteve grande destaque¹⁵.

Conforme ressalta Amarillha (2006), a “elite política mandante do estado de MT, tanto do *Sul* como do *Norte*, apoiou o golpe de 1964 [...] no governo militar, a bandeira separatista foi arriada, já que a ditadura militar obteve amplo apoio da classe dominante, tanto do norte quanto do sul” (p. 97-98).

Considerações Finais

Nas páginas da *Revista Brasil-Oeste*, por algum tempo o movimento divisionista ganhou destaque. Fausto Vieira de Campos e todos aqueles que escreviam seus artigos em prol da divisão de Mato Grosso se juntaram para fortalecer as críticas ao governo de João Goulart e assim se seguiu até o golpe de 1964.

Curiosamente, na terceira edição de *Retrato de Mato Grosso*, lançada somente no ano de 1969, não existe mais qualquer discussão acerca do divisionismo. Deste modo, apesar de Fausto Vieira de Campos ter utilizado anteriormente em seu favor as críticas que recebeu, quando republicou seu livro, preferiu retirar a discussão.

Assim, levantamos a hipótese de que o abafamento geral em torno do tema *divisão*, somado a uma recepção indigesta por parte de uma camada de leitores, inclusive alguns nomes importantes para o periódico, como era o caso de Virgílio Corrêa Filho e Sizinio Leite da Rocha, foram fatores que induziram Fausto Vieira de Campos a tomar a atitude de retirar da terceira edição tal tema, considerado, evidentemente, polêmico. Isto nos remete àquilo que Darnton entende como um ciclo que cursa a vida de um livro, uma vez que “o leitor [...] influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição” (1995, p. 112).

¹⁵ Sobre o tema, ver: SALGUEIRO, Eduardo de Melo. Representatividade Imprensa: terra e poder nas páginas da Revista Brasil-Oeste. In: **IV Congresso Internacional de História, 2009**, Maringá. Anais. Textos completos do IV Congresso Internacional de História, 2009. v. 1. p. 683-693. <http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalho.php?tid=309>

Dessa forma é válido dizer que, conforme assinalaram Queiroz e Bittar, não podemos compreender as aspirações divisionistas da porção sul do antigo Estado de Mato Grosso de forma linear e contínua. Mesmo neste curto recorte de tempo em que a discussão foi levantada pelas *Brasil-Oeste* (iniciada e cessada no ano de 1959, para ressurgir novamente no ano de 1963, e finalmente desaparecer das edições da revista), observamos o quão inconstante foi esta busca pela divisão de Mato Grosso e quando uma crise de ordem nacional insurgiu, como foi aquela do governo Goulart, os nortistas e sulistas se uniram em prol de uma causa que agradava a maioria: a deposição de Jango.

Dito isto, acreditamos que a abordagem divisionista articulada pelos diretores da *Brasil-Oeste* foi encarada como um sinal positivo e que as possíveis mudanças que desencadeariam de uma redivisão territorial, facilitariam a administração estadual e rendas mais concentradas advindas da União ajudariam a fortalecer ambas as regiões e o progresso finalmente atingiria a região oeste do país, uma vez que a centralização no Governo de Cuiabá dificultava e travava o progresso de todas as outras regiões do Estado.

A revista foi utilizada pelos seus colaboradores, especialmente por aqueles que se posicionavam favoráveis à divisão do Estado de Mato Grosso, para disseminar as ideias divisionistas uma vez que a *Brasil-Oeste* possuía boa credibilidade e distribuição e se colocava como o maior veículo de informação que se dedicava a fazer repercutir a voz de Mato Grosso.

Porém, quando as discussões sobre o governo Jango foram ganhando intensidade, é possível encontrar nas páginas da *Brasil-Oeste* vários artigos que expressavam “sua aversão à reforma agrária, caracterizando dessa forma, a posição conservadora dos intelectuais que a dirigiam”, opondo-se claramente “às possíveis mudanças estruturais que poderiam vir a se concretizar com a aplicação das políticas de reformas de base propostas pelo governo de Jango” (SALGUEIRO, 2009, p. 691). Uma nova pauta estava escolhida e a fervorosa discussão em torno da divisão de Mato Grosso cedeu lugar a uma questão que maior interessava aos dirigentes da revista: o medo da reforma no campo e as possíveis perdas e instabilidade que poderia trazer ao país e especialmente ao Mato Grosso.

Referências

ABREU, Alzira Alves de. *Imprensa em Transição: O Jornalismo Brasileiro nos Anos 50*, Rio de Janeiro, Editora FGV, 1996.

AMARILHA, Carlos Magno M. **Os Intelectuais e o Poder: História, Divisionismo e Identidade em Mato Grosso do Sul**. Dourados/MS, 2006. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**.

BITTAR, Marisa. **Mato Grosso do Sul: do Estado sonhado ao Estado construído (1892-1997)**. 1997. 2 v. Tese (Doutorado em História) – FFLCH/USP, São Paulo.

BITTAR, Marisa. Sonho e realidade: vinte e um anos da divisão de Mato Grosso. **Multitemas** – Periódico das comunidades departamentais da UCDB, Campo Grande, n. 15, p. 93-124, out. 1999.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: _____. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.

CAMPOS, Fausto Vieira de. **O Retrato de Mato Grosso**. Brasil-Oeste Editôra Ltda. 3ª ed. 1969.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. **O Bravo Matutino. Imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo**. Alfa-Omega, 1980.

Certidão Simplificada. Contrato Social de *Brasil-Oeste Editôra Ltda*. Ano de 1957. Junta Comercial de São Paulo.

CHARTIER, Roger. **A história cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa, Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. C. Na Oficina do Historiador: Conversas sobre História e Imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

GALETTI, Lylia S. G. **Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso**. 2000. 358 f. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo.

MARTINS, Ana Luiza. Da Fantasia à História: folheando páginas revisteiras. **Revista História**. São Paulo, 22 (1): 59-79, 2003.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista. Imprensa e práticas culturais em tempos de República. São Paulo, 1890-1922**. EDUCS: FAPESP, 2001.

MEUCCI, Simone. . Sobre a rotinização da sociologia no Brasil: os primeiros manuais didáticos, seus autores, suas expectativas. **Revista Mediações** (UEL), v. 12, p. 31-66, 2008.

NEVES, Maria M. R. N. **Relatos Políticos (entrevistas: memórias divisionistas)**. Mariela Editora, 2001.

PÓVOAS, Lenine. **Síntese de História de Mato Grosso**. 2. ed. Cuiabá: IHG-MS, 1992.

QUEIROZ, Paulo R. Cimó. Notas sobre divisionismo e identidades em Mato Grosso/Mato Grosso do Sul. **Raído** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD, v. 1, p. 137-163, 2007.

Revista Brasil-Oeste, n° 01, Janeiro de 1956.

Revista Brasil-Oeste, n° 33, Janeiro de 1959.

Revista Brasil-Oeste, n° 37, Junho de 1959.

Revista Brasil-Oeste, n° 38, Julho de 1959.

Revista Brasil-Oeste, n° 39, Agosto de 1959.

Revista Brasil-Oeste, n° 40, Setembro de 1959.

Revista Brasil-Oeste, n° 42, Outubro de 1959.

Revista Brasil-Oeste, n° 51, Agosto de 1960.

Revista Brasil-Oeste, n° 85, Setembro de 1963.

Revista Brasil-Oeste, n° 86, Outubro de 1963.

Revista Brasil-Oeste, n° 88, Dezembro de 1963.

RIBEIRO, A. P. G. . Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Estudos Históricos** - CPDOC/ FGV, Rio de Janeiro, v. 31, p. 147-160, 2003.

SALGUEIRO, Eduardo de Melo. Representatividade Imprensa: terra e poder nas páginas da Revista Brasil-Oeste. In: **IV Congresso Internacional de História**, Maringá. Anais. Textos completos do IV Congresso Internacional de História, 2009. v. 1. p. 683-693